

O DESENHO INFANTIL: ANALISANDO A EVOLUÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CHILD DRAWING: ANALYZING THE EVOLUTION IN CHILD EDUCATION

Delfino, Daiana Carla Barbosa¹

Fabiana Vigo Azevedo Borges²

RESUMO

O desenho sempre esteve presente na história da humanidade, desde sua origem na pré-história deixando marcas que permitiram a expressão, a escrita, a transmissão de conhecimento, a comunicação e o registro de memórias. Com os avanços da tecnologia, surgiu uma nova modalidade do desenho: o desenho industrial, originado durante a Revolução Industrial, que caracterizou um novo contexto histórico social em todo o mundo. Com o surgimento das máquinas e equipamentos, a sociedade deu espaço à educação e ao desenho, para que as pessoas se qualificassem e atendessem às expectativas do novo mercado de trabalho. Logo, observa-se o significativo valor do desenho no decorrer da história da humanidade, que despertou interesse de estudiosos sob diversas perspectivas. Neste caso, abordaremos sob uma ótica educacional no universo infantil. Embora ainda seja um estudo contemporâneo, o desenho da criança passou a ser objeto de pesquisa com inúmeras interpretações. Seja no campo sociológico, psicológico, estético ou pedagógico, o que se evidencia é que ele proporciona às crianças diversas possibilidades na aquisição do saber e se tornou um importante aliado da expressão, criatividade, linguagem e escrita da criança. Nesse sentido, o presente trabalho faz um breve histórico sobre a origem do desenho na pré-história, os conceitos e significados do desenho; o desenho no universo infantil; a Evolução e

¹ Graduação no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: daiana.cb3l@gmail.com

² Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: fabianavigo@hotmail.com

análise do grafismo na educação infantil; A pesquisa pauta-se principalmente nos conceitos e perspectivas do desenho segundo os autores Florence de Méredieu, Edith Derdyk e Viktor Lowenfeld sendo de cunho qualitativo e com foco na análise interpretativa das orientações teóricas indicadas. Para a realização desta pesquisa buscou-se relacionar as diversas orientações teóricas com as definições legais, construindo uma análise que procure atender aos nossos objetivos. Entre as considerações finais observadas apontamos reflexões e análises quanto a importância do desenho na educação infantil, bem como suas contribuições para o desenvolvimento da linguagem, criatividade e escrita; a evolução do grafismo e outras considerações significativas ao conhecimento do docente que enriquecem a prática pedagógica.

Palavras-chave: Desenho infantil; Desenvolvimento; Prática Pedagógica.

ABSTRACT

Drawing has always been present in the history of humanity, from its origin in prehistory leaving marks that allowed expression, writing, transmission of knowledge, communication and recording of memories. With the advances of technology, a new form of design emerged: the industrial design, originated during the Industrial Revolution, which characterized a new historical social context throughout the world. With the emergence of machines and equipment, society gave space to education and design, so that people would qualify and meet the expectations of the new job market. Therefore, the significant value of drawing is observed throughout the history of humanity, which has attracted interest from scholars from different perspectives. In this case, we will approach from an educational point of view in the infantile universe. Although it is still a contemporary study, the design of the child began to be object of research with numerous interpretations. Whether it is in the sociological, psychological, aesthetic or pedagogical field, what is evident is that it gives children several possibilities in acquiring knowledge and has become an important ally of the child's expression, creativity, language and writing. In this sense, the present work makes a brief history about the origin of the drawing in the prehistory, the concepts and the meanings of the drawing; drawing in the infant universe; Evolution and

analysis of graphics in children's education; The research is based mainly on the concepts and perspectives of the drawing according to the authors Florence de Méredieu, Edith Derdyk and Viktor Lowenfeld being of qualitative character and with focus in the interpretative analysis of the indicated theoretical orientations. For the accomplishment of this research we tried to relate the diverse theoretical orientations with the legal definitions, constructing an analysis that seeks to meet our objectives. Among the final considerations observed, we point out reflections and analyzes on the importance of drawing in children's education, as well as their contributions to the development of language, creativity and writing; the evolution of graphics and other significant considerations to the knowledge of the teacher that enrich the pedagogical practice.

keywords: Child's drawing; Development; Pedagogical Practice.

1. INTRODUÇÃO

O desenho é uma linguagem muito antiga. O homem pré-histórico fez uso dos desenhos registrados nas paredes das cavernas que se constituíram como meio de expressão para revelar a sua forma de viver e a maneira com que transmitiam os seus conhecimentos e as experiências vividas naquela época.

Dentre as diferentes linguagens utilizadas pelas sociedades primitivas para se comunicar, consideramos que o desenho foi o primeiro registro produzido pelo ser humano para se expressar graficamente. Da mesma forma que o desenho constituiu-se como forma de expressão para as civilizações primitivas, ele continua sendo a primeira manifestação gráfica, de expressão e linguagem da criança. Portanto, reconhecemos no desenho sua natureza significativa na trajetória humana, além de contribuir para o desenvolvimento nas antigas civilizações também foi fundamental para a origem da escrita.

Atualmente, remetemos ao desenho a ilustração de objetos, ideias, bem como, a reprodução de alguma imagem ou figura, e até mesmo, a uma atividade gráfica reduzida ao lápis e papel. No entanto, o desenho é um modo de expressão

muito particular que se inicia na infância, e por isso não devemos generalizar as interpretações, posto que esta realizada isoladamente do contexto em que foi elaborado não faz sentido. Entretanto, compreender como a criança desenha permite entender seu desenvolvimento global.

No período pré-escolar, a criança demonstra suas primeiras experiências gráficas na forma do desenho e através deste pode expressar suas ideias, desenvolver sua criatividade, imaginação e linguagem. Desse modo, é importante destacar que este estudo está voltado para os aspectos pedagógicos das crianças, não abrangendo os questionamentos acerca do desenvolvimento psicológico.

Diante disso, realizaremos uma pesquisa que objetiva demonstrar como ocorre o desenvolvimento gráfico infantil e compreender como sua aprendizagem pode contribuir para o desenvolvimento da escrita como uma representação gráfica. Bem como, colaborar com a formação de educadores para o devido estímulo e intervenção pedagógica visando a correta utilização do desenho na Educação Infantil, a fim de que o docente possa reconhecer as fases da evolução do grafismo para aprimorar as práticas pedagógicas, e assim apreciar, incentivar, perceber a beleza e riqueza do desenho infantil, apresentando diferentes estruturas didáticas, as quais possibilitem a aquisição do saber no campo da percepção, imaginação e expressão.

A temática escolhida na presente pesquisa justifica-se pela relevância social do assunto no desenvolvimento infantil. É fundamental que o desenho tenha seu valor reconhecido e conquiste seu espaço de forma interdisciplinar cujas possibilidades e potencialidades possam ser exploradas e expandidas desde a Educação Infantil. Partindo desse princípio, algumas inquietações e questionamentos surgiram decorrentes das atuais práticas na educação, com relação ao desenho, ora por propostas espontâneas, ora estereotipadas de ensino, por vezes orientada à livre expressão, ou à reprodução de imagens e treino de habilidades. Enquanto, quando visto de outra perspectiva, a literatura nos permite enxergá-lo como ferramenta para tantas possibilidades de aprendizagem. Sendo assim, nos aprofundamos um pouco para entender quais os benefícios e o papel do desenho no desenvolvimento infantil no contexto pedagógico.

Para elaboração desta pesquisa, buscou-se relacionar as diversas orientações teóricas fundamentadas principalmente nos conceitos e perspectivas do desenho segundo as renomadas autoras Edith Derdyk, Florence Méredieu e Viktor Lowenfeld, bem como a análise interpretativa, a descrição e reflexão das características do desenho infantil realizado por criança em idade pré-escolar. A metodologia utilizada pauta-se num estudo de cunho qualitativo, como foco na pesquisa bibliográfica.

Para isso este estudo foi estruturado em quatro seções: na primeira seção intitulada “Desenho: sua construção histórica e amplitude” faremos uma breve contextualização da presença do desenho na história da humanidade, bem como, apresentaremos os conceitos do “Desenho” e sua relação com o grafismo. Na seção “O Desenho no universo infantil” tecemos a abordagem da importância e o papel do desenho, sobretudo no campo da Educação Infantil, considerando a visão de alguns autores e as orientações legais, que norteiam o processo de ensino e aprendizagem. Na terceira seção faremos a caracterização das diferentes fases do desenvolvimento do desenho segundo alguns autores e para consolidar realizaremos a exemplificação do desenvolvimento do desenho de uma criança em idade pré-escolar (portfólio) baseado no processo de evolução do grafismo, na quarta seção intitulada: A Evolução Do Desenho: Análise De Um Portfólio Da Educação Infantil.

2. DESENHO: SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E AMPLITUDE

O desenho sempre esteve presente na história da humanidade, desde sua origem na pré-história. O homem utilizava-se do desenho para registrar nas paredes das cavernas seu modo de vida, cultura e os costumes (FARIA, 2018) realizando assim marcas históricas visando a comunicação e o registro de memórias. Também chamadas “artes rupestres”, o desenho era uma forma de expressão, escrita e transmissão de conhecimento. Derdyk (2014) afirma que, o homem sempre desenhou e deixou registros gráficos, para indicar sua existência. Para esse autor:

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas [...], seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento. Derdyk (2014 p.42).

Enfim, o desenho é essencial para que o homem possa se expressar, se comunicar e desenvolver e construir novos conhecimentos.

Na sociedade primitiva, as pinturas eram feitas utilizando restos de carvão, pigmentos de plantas e terra colorida, combinadas ao sangue de animais em fragmentos de rochas e argila. O homem da pré-história usava pincéis feitos com pelos de animais e as próprias mãos que serviam ainda como carimbo nas paredes. Os desenhos desse período histórico representavam os animais e pessoas do período em que viviam, bem como cenas do cotidiano, rituais, danças, caça, alimentação. (OLEQUES, 2018).

Neste sentido, podemos perceber que “o desenho é linguagem, também enquanto linguagem é acessível a todos” (Artigas, 1975 apud DERDYK, 2015, p.31), ou seja, qualquer ser humano pode desenhar e buscar a comunicação por meio do desenho, tal como observamos historicamente.

Mas o autor também destaca para a relação entre o desenho e o surgimento da escrita, como uma relação de completude, percebendo que há nele características e formas utilizadas posteriormente pelas letras. Assim, Derdyk (2015) afirma ainda que, “a natureza caligráfica do desenho propiciou o surgimento da escrita participando igualmente de uma natureza iconográfica”. (Derdyk, 2015, p. 103).

A habilidade no desenvolvimento do desenho ocorreu no período Paleolítico, por volta de 40.000 a 25.000 a. C. (AGUIAR, 2018) e desde então evidenciamos a necessidade da comunicação e seu registro. A pictografia, ou seja, “o sistema primitivo de escrita em que se exprimiam as ideias por meio de cenas figuradas ou simbólicas” (AURÉLIO, 2015) foi a ferramenta inicial para a invenção da escrita. Dessa forma, é possível afirmar que a forma primitiva de escrita é o desenho e que seu surgimento contribuiu significativamente para o desenvolvimento e evolução da linguagem e da escrita.

Na idade Antiga, no Egito, o desenho desempenhou importante papel retratando a história desse povo. Essa atividade humana era considerada algo sagrado e representava a história de suas vidas nas tumbas e templos dos faraós. Já na antiguidade clássica, Gregos e Romanos utilizavam-se do desenho para retratar a mitologia narrando a história dos deuses. Na Mesopotâmia, representações cartográficas da Terra e de rotas comerciais foram feitas por meio do desenho de forma bem rudimentar dando origem aos primeiros mapas (FARIA, 2018). Ou seja, o desenho na história sempre esteve ligado ao registro de momentos cotidianos e/ou crenças comuns.

Vale ressaltar que com a evolução do desenho, os instrumentos utilizados para tais representações também evoluíram, de blocos de barro ou argila, couro, tecidos, folhas de palmeira, pedras, ossos de baleia, papiro, bambu, até a descoberta do papel, pelos chineses por volta de 105 depois de Cristo. E ainda, de dedos com os quais os homens das cavernas faziam suas pinturas rupestres, até pedaços de madeira ou, osso em formato de cunha para desenhar em tábuas de argila, de madeira e ossos molhados em tinta vegetal e, depois, as famosas penas, ou ainda o carvão que já era utilizado pelo homem das cavernas, e novamente as penas, no século XVIII, que passaram a ser de metal e em 1884, a caneta tinteiro, precursora das esferográficas. (FARIA, 2018).

Na idade média, embora o homem tenha produzido pouco conhecimento científico, as ilustrações se mantêm num cunho religioso com cenários surreais. É durante o período chamado Renascimento, que o desenho ganha destaque e a arte conquista espaço. O desenho renascentista retrata a realidade, como reforça o trecho abaixo:

No renascimento o desenho ganha cidadania, e se de um lado é risco, traçado, mediação para expressão de um plano a realizar, linguagem de uma técnica construtiva, de outro lado é desígnio, intenção, propósito, projeto humano no sentido de proposta de espírito. Um espírito que cria objetos novos e os introduz na vida real. (Artigas, 1975 apud DERDYK, 2015, p.42).

Os desenhos assim como seus materiais se modificam com a evolução e conquistas humanas, aperfeiçoando-se nas representações e nas técnicas

utilizadas, marcando os detalhes e os efeitos artísticos que se diferenciam devido às diferentes técnicas de pintura.

O Renascimento marca o fim da idade média e a transição para o início da idade moderna, caracterizada principalmente pela Revolução Industrial. O surgimento das máquinas e equipamentos promovidos pela revolução dá origem ao desenho industrial, uma nova modalidade, voltada para atender a necessidade da sociedade industrializada (FARIA, 2018).

Neste sentido, Ana Mae Barbosa (2015) descreve as mudanças brasileiras do período que ela chama de Virada Industrial, ou Virada da alfabetização no desenho, no início do século XX feita por políticos e literatos: Rui Barbosa, André Rebouças, liberais e positivistas. Nesse contexto, Barbosa (2015) analisa alguns acontecimentos, conceitos e professores de Arte e Desenho que prepararam o advento do modernismo no ensino brasileiro,

Os principais temas discutidos eram a alfabetização e a preparação para o trabalho.

A necessidade de um ensino do desenho apropriado era referida como um importante aspecto da preparação para o trabalho industrial. (BARBOSA, 2015, pag. 47)

Segundo Barbosa (2015), os liberais: Rui Barbosa, André Rebouças e Abílio Cesar Pereira Borges propunham o desenho como um importante componente curricular, porque estavam interessados na preparação para o trabalho e, lutavam contra escravidão. Dessa forma, pretendiam dar uma forte base em desenho para se formar bons operários e profissionalizar principalmente esses escravos recém-libertos, para que pudessem atuar no mercado de trabalho, cenário que estava em plena ascensão no Brasil (1882) por meio da construção civil e o desenvolvimento industrial.

Ou seja, a necessidade de transformação da sociedade deu espaço à educação e ao desenho para que as pessoas se qualificassem e atendessem às expectativas do mercado de trabalho. Nesse sentido há que se observar que embora a educação estivesse supostamente mais acessível, ainda havia uma divisão do ensino para líderes e liderados. Cenário que não se difere do Neoliberalismo do século XXI, cuja ideologia prima pela educação para o trabalho:

Como vimos no passado, no fim do século XIX, para os liberais brasileiros o ensino da Arte e do Design se destinava também à preparação para o trabalho. As ideias liberais de Rui Barbosa, André Rebouças, Abílio Cesar Pereira Borges tinham uma conotação louvável: a de preparar os escravos recém-libertos para conseguir empregos. Não deixavam, entretanto, de serem hipócritas como os neoliberais de hoje, que querem que tudo continue o mesmo: eles ganhando muito dinheiro à custa de manter a maioria da instabilidade empregatícia. (BARBOSA, 2015, pag. 54).

Diante disso, a autora defende que graças a essas ideias liberais dissociou-se o conceito de desenho das Belas Artes para associar à iniciação ao design, também chamado desenho decorativo, desenho ou artes gráficas e desenho industrial. E ainda acrescenta que “na contemporaneidade, ambos, arte e design, estão unificados pela preocupação social e, portanto, pensar o ensino da arte e do design é pensar sua função social.” (BARBOSA, 2015, p. 55).

Enfim, podemos observar que as preocupações em torno do desenho são diversas e por isso são muitas as definições de desenho e do ato de desenhar e ao longo da história esses conceitos foram se modificando. Para Moreira (2005), o desenho “tem originalmente um compromisso com a palavra designo” (MOREIRA, 2005, pag. 15) porque está relacionado com representações de imagens, com a comunicação designada de mensagens ou ações. Procurando compreender essa definição, Derdyk (2015) cita Artigas que relata a primeira manifestação sobre o vocábulo e o contexto em que ocorreu:

Em nossa língua, a palavra aparece no fim do século XVI. Dom João III, em carta régia dirigida aos patriotas brasileiros que lutavam contra a invasão holandesa no Recife, assim se exprime, segundo Varnhagen: “Para que haja forças bastantes no mar com que impedir os desenhos do inimigo, tenho resoluto etc.”. Portanto desenho- designio: intenção, “planos do inimigo”. Um século mais tarde o padre Bluteau registra no seu vocabulário português e latino: “Dezenhar: dezenhar no pensamento, formar huma ideia, idear”. “Formam in animo designare”. (Artigas, 1975 apud DERDYK, 2015, p.43-44).

A autora ainda destaca os significados que constam no dicionário sobre a palavra desenho:

Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico: um desenho de criança; o desenho de uma paisagem, um desenho de anatomia; o desenho de um motor.

A arte e a técnica de representar com lápis, pincel, pena etc. um tema real ou imaginário, expressando a forma e geralmente abandonando a cor: o desenho de um modelo vivo; o desenho abstrato. (O desenho tende a representar o tema racionalmente, configurando ou sugerindo seus limites, enquanto a cor tende a transmitir valores de ordem emotiva.)

Versão preparatória de um desenho artístico ou de um quadro, esboço, estudo.

Traçado, risco, projeto, plano.

Forma, feitio, configuração: o desenho de uma letra, de uma boca. (DERDYK, 2015, pag. 44).

Ela complementa destacando também o significado de desenhar, para que assim possamos expandir o conceito de desenho:

Traçar o desenho.

Dar relevo a; delinear.

Descrever, apresentar, caracterizando oralmente ou por escrito.

Tornar perceptível, representar, acusar.

Conceber, projetar, imaginar, idear.

Exercer a profissão de desenhista.

Apresentar-se com os contornos bem definidos, ressaltar; avultar, destacar-se.

Aparecer, representar-se ou reproduzir-se na mente, na imaginação, afigurar-se. (DERDYK, 2015, pag. 44).

Segundo Derdyk (2015), o conceito do desenho tem dois significados: o oficial, “erudito” representando as instituições referente a forma como nos é ensinado nas escolas, e o conceito de cunho informal que é anterior à missão francesa, fundado no contexto cultural literário do barroco e com uma concepção mais rica e abrangente representado pelas camadas populares, que não tinha acesso ao ensino, e compreendiam o desenho como criação de formas e expressividade ilustrativa.

Uma ocasião perguntamos a um caipira na cidade de Jambuí (estado de São Paulo), com quem ele aprendera a fazer “figurinhas” de barro para presépios, quem lhe dera os modelos, quem lhe ensinara. Respondeu, diante de uma pequena escultura: “O desenho é meu mesmo”. Naquela oportunidade, os estudantes que nos acompanhavam ficaram surpresos com o sentido do termo. Para a maioria dos jovens, desenho era, apenas, registro gráfico, expressão em linhas, manifestação de formas em duas dimensões, esboço, traçado. Em verdade, os estudantes estavam mais próximos às lições do Neoclassicismo que tanto influíram no ensino artístico brasileiro. Herdeiros dos mestres franceses que chegaram em 1816, eles estavam perplexos com o sentido mais amplo de um desenho que se identificava à concreção do pequeno objeto elaborado por um caipira. Ali estava uma situação paradoxal. O caipira se nos afigurava um herdeiro do sentido da palavra *desenho*, de proveniência anterior à Missão Francesa. Ele, que como indivíduo vivia dentro das maiores carências e mais parecia a imagem melancólica do Jeca Tatu, ele que parecia viver em “tempo

parado”, era também um profundo conservador, e restituía uma significação mais rica e mais humana. O que se perdeu da palavra em boa parte se perdeu do homem. (Motta, 1974 apud DERDYK, 2015, p.45-46).

Diante disso concordamos com a autora de que “o desenho participa do projeto social, representa os interesses da comunidade, inventando formas de produção e consumo” (DERDYK, 2015, p. 46). Essa visão destaca a compreensão que, tudo que vemos e vivemos em nossa paisagem cultural, totalmente construída e inventada pelo homem, algum dia foi projetado e desenhado por alguém. Nesse sentido, reafirmamos com a autora que:

A necessidade de organização racional da sociedade e a busca da sistematização da produção em larga escala, processo este detonado a partir da Revolução Industrial, promoveu um sentido social à utilização do desenho. Em todas as atividades humanas, o desenho acaba se manifestando: na ilustração do livro de Biologia, na representação dos conceitos de matemática, nos mapas estelares, no último modelo de carro, no batente da janela (DERDYK, 2015, p.47).

Ou seja, o desenho em nossa sociedade é de essencial importância e nesse sentido, podemos compreender que o desenho está presente em todas as áreas do conhecimento e por isso pode ser conceituado de várias formas. Sans (2009) define o desenho sob o ponto de vista criativo como “qualquer representação gráfica, colorida ou não, de formas”. (SANS, 2009, p.67). E ainda, como, “o resultado das formas feitas com materiais que disponibilizam mais o traço, como o lápis, o giz de cera, o bico de pena que usa o nanquim, as canetas etc”. (SANS, 2009, p. 67-68).

Em outra perspectiva, Lavelberg (2013) define que, “o conceito de desenho está diretamente relacionado com aquilo que é socialmente transmitido através do horizonte de experiência do meio onde a criança vive”. (p.24). E nesse sentido, a autora ainda reforça que as ideias de Vygotsky contribuem para a compreensão das relações entre desenvolvimento e aprendizagem nos contatos interativos entre pares de níveis diferentes e objetivos socioculturais (p. 25).

Enfim, existem muitas formas de pensar o desenho, seja como linguagem, expressão, como criatividade, ludicidade, como arte, como trabalho/ indústria, social, acadêmico ou popular, o desenho percorre a história da humanidade mesmo diante do tempo, pois “o desenho é exercício da inteligência humana” (DERDYK, 2015, p. 52), portanto deve ser explorado, uma vez que contribui para a sua evolução e

desenvolvimento da natureza humana de criar, expressar-se e se comunicar e por isso deve estar presente na educação.

Sendo assim, o desenho na educação escolar passou a ser objeto de estudo no fim do século XIX e início do século XX de disciplinas como a pedagogia, psicologia, sociologia e estética, buscando compreender a influência do desenho no desenvolvimento humano e a sua representatividade social e cultural criando compreensões e orientações,

Logo, observamos que entre os anos de 1880 e 1900 há uma mudança progressiva na concepção de criança e infância, depois da influência das ideias de Rousseau em pedagogia que levou a distinguir diferentes etapas no desenvolvimento gráfico da criança. (MÉREDIEU, 2017, p. 15-16). E essas influências serão estudadas no próximo item.

3. O DESENHO NO UNIVERSO INFANTIL

Como afirmamos anteriormente, há algum tempo os estudos relacionados ao desenho se intensificaram e apontaram significativas contribuições, sobretudo no campo da educação. O desenho infantil despertou o interesse de pesquisadores a partir dos fins do século XIX e início do século XX, quando a criança passou a ser vista como sujeito autônomo e de direitos e a escola, alvo de mudanças que beneficiaram um maior entendimento do desenho infantil. Assim, podemos dizer que a compreensão do desenho está ligada a própria concepção da infância e da criança.

Até meados do século XIX, a criança era vista como um adulto em miniatura, não existia a consciência da infância como um período diferenciado da vida do homem adulto, então ela era vista como sem valor, sem importância. (SANS, 2009, P. 23). Entretanto, no final desse mesmo século, as concepções mudaram progressivamente e os estudos apontaram para um desenvolvimento próprio e específico do universo infantil.

Da mesma forma, a concepção do desenho evoluiu. Antes, o trabalho pedagógico com o desenho era pautado em diretrizes rígidas, quando o mesmo era

elaborado pela criança considerava se os parâmetros dos desenhos adultos o que ocasionava a compreensão de que os desenhos produzidos na infância eram fracassados por inabilidade motora. Essa concepção era chamada por Luquet como realismo fracassado. (MÉRIDIEU, 2017, p. 17). Diante disso, Mériedieu, afirma tal conceito como errôneo, pois:

Não existe visão verdadeira, e a visão adulta não pode de modo algum representar a medida padrão. Portanto não se deve reduzir os processos infantis qualificando-os de “infantil”. A criança está tão “perto das coisas” quanto o adulto, o pintor chamado realista, o primitivo ou o abstrato. (MÉRIDIEU, 2017, p. 17).

Diante dessa modificação, destacamos Moreira (2005) que cita a capacidade infantil presente em toda criança:

Toda criança desenha.
Tendo um instrumento que deixe uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias (p. 15).

Nesse sentido, observamos que o desenho é uma ação inerente ao universo infantil e conforme reforça Derdyk (2015) “é a manifestação de uma necessidade vital da criança, agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar”. (p. 56). E ainda “toda criança deseja, mas nem toda criança gosta, necessariamente de desenhar. Algumas provavelmente preferirão outras atividades expressivas”. (p. 56). Postulamos que isso pode ser resultado das relações sociais/ culturais principalmente quando falamos da influência dos avanços atuais e da acessibilidade às novas tecnologias no universo infantil e na sociedade como um todo.

Consideramos e concordamos Mériedieu (2017) que reforça a importância do contexto:

(...) Nunca será demais repetir, o meio em que a criança se desenvolve é o universo adulto e esse universo age sobre ela da mesma maneira que todo contexto social, condicionando-a ou alienando-a. Querer então estudar as produções infantis fora da ganga das influências e pressões adultas só pode levar a uma leitura falseada. Deve-se desconfiar das interpretações unilaterais; irreduzíveis às produções adultas, devendo ser apreendidas no que têm de essencial, as obras infantis não deixam de estar ligadas às primeiras por um elo tão profundo que comanda toda a sua gênese. (MÉRIDIEU, 2017, p. 18).

Desta forma fica claro que, não se podem fazer interpretações de forma isolada é preciso entender o contexto e a realidade da criança. Diante disso é correto afirmar que o papel do educador é fundamental para que a produção gráfica da criança seja analisada de acordo com as leis próprias da expressão infantil e não meramente reduzidas às categorias das produções adultas. Neste sentido destaca Moreira:

“A criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca.” [...] “O registro desse movimento é um rabisco incompreensível para o adulto: é a garatuja. Que se inicia longitudinal e desordenada até adquirir certo ritmo.” (MOREIRA, 2005, p. 28).

Na criança, o desenho é antes de tudo motor, a observação de uma criança pequena desenhando mostra bem que o corpo inteiro funciona e que a criança sente nessa gesticulação. (MÉREDIEU, 2017, p. 22). Derdyk (2015, pag. 68), complementa esse entendimento citando que, o lápis é a ponte de comunicação entre corpo e papel, que é capaz de registrar os impulsos do sistema nervoso, motor e biológico da criança.

A partir dessa reflexão, a autora apresenta ainda que “a criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se afirmar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico.” (DERDYK 2015, pág. 68). Ela destaca que, o desenho transita em meio a outras linguagens da criança. No brincar, por exemplo, ela desempenha personagens, inventa regras e mantém uma relação de propriedade com seus rabiscos, que embora indecifráveis aos adultos, decorre de intensas atividades de seu imaginário sendo seu poder de decisão motivador de toda sua criatividade. (DERDYK 2015). Sendo assim:

Real e imaginário são indissolúveis, o pensamento mágico da criança evolui à maneira do jogo, que funciona ao mesmo tempo como simulacro e como verdade: tudo é susceptível de ser transmutado nesse universo, e intercâmbios perpétuos se produzem nesse meio em que as palavras ainda são coisas, e as coisas são maleáveis como não podem ser os signos da linguagem adulta. (MÉREDIEU, 2017, p. 23).

Diante disso, Derdyk (2015) enfatiza que é necessário que o educador olhe de modo sensível os desenhos produzidos pelas crianças, além disso, utilizando sua vivência prática e efetiva das linguagens expressivas. Dessa forma, dificilmente

ocorrerão erros grosseiros na avaliação das garatujas e rabiscos das crianças, linguagens estas que poderão auxiliar até mesmo no processo de identificação das fases de aquisição da escrita/ alfabetização. (DERDYK, 2015), entretanto, o que podemos observar é que:

Alguns professores da pré-escola ansiosamente descarregam técnicas para a criança “aprender a desenhar”, inibindo, desta forma, qualquer tipo de exploração ou “subversão” tanto em relação ao uso do material quanto à manifestação de elementos gráficos que expressem um imaginário pessoal. (DERDYK, 2015, p.32).

Nesse sentido, a formação do professor e sua sensibilidade com relação a essa interação no universo infantil faz diferença para que sejam construídas situações e intervenções didáticas que se pautem em diferentes estruturas didáticas de valorização e ensino do desenho, estimulando a criatividade e a linguagem da criança.

Legalmente analisando encontramos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) que incorpora a Educação Infantil ao Sistema Nacional de Educação como a primeira etapa da Educação Básica e institui o Ensino da Educação Artística (que trabalha com o desenho infantil), ou seja, numa tentativa de valorizar esse conteúdo na formação básica.

Sobre uma referência curricular desta etapa de ensino encontramos o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), promulgado em 1998, no intuito de documentar de forma oficial uma proposta de trabalho para a Educação Infantil, estabelecendo parâmetros para elaboração dos Projetos Político Pedagógico das instituições brasileiras.

Segundo esse documento, o desenvolvimento do desenho dá-se em várias fases nas quais os rabiscos feitos pela criança vão se aperfeiçoando até se tornarem símbolos. E essas mudanças ocorrem na interação da criança com o meio e a prática do desenhar, conforme segue:

[...] O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. Imagens de sol, figuras humanas, animais, vegetação e carros, entre outros, são frequentes nos desenhos das crianças, reportando mais a assimilações dentro da linguagem do desenho do que a objetos naturais. Essa passagem é possível graças às interações da criança com o

ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas. (BRASIL, 1998, pag. 52)

Posto isso, percebemos que o desenvolvimento do desenho resulta em várias mudanças, cujos “rabiscos” vão sendo aprimorados até se tornarem símbolos, tal processo dá-se por meio das interações que a criança tem com o meio e o ato de desenhar.

Neste sentido, ao observamos as DCNEI (1999), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a recomendação do trabalho pedagógico nesta etapa de ensino é que foque a “produção artística”, integrando também as Artes Visuais, bem como, oferece autonomia aos Estados e Municípios para elaboração de suas propostas pedagógicas, de modo a atender as particularidades locais.

Recentemente foi promulgada a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) que dispõe um conjunto de objetivos de ensino para toda a Educação Básica, inclusive a Educação Infantil, das redes públicas e privadas. Neste documento encontramos os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimentos imprescindíveis para a criança na Educação Infantil: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar; Conhecer-se, que serão desenvolvidos nos cinco “campos de experiências³”, que exploram os arranjos de áreas e acolhe as situações e experiências concretas do cotidiano da criança. Considerando o desenho infantil, percebemos que o mesmo será contemplado no eixo “traços, cores, sons e movimentos”, pois apresenta a recomendação de um trabalho que permita a compreensão desde as faixas etárias dos bebês dos elementos gráficos e saberes técnicos.

Entretanto, mesmo diante de tantos documentos norteadores do processo de ensino/aprendizagem podemos perceber ainda a desvalorização pedagógica e junto a esta, a prática do ensino do desenho que ocorre em sua maioria, por meio de propostas espontâneas e estereotipadas, orientadas a livre expressão ou à reprodução de imagens. Nesse contexto a ação educativa não é significativa e resulta muitas vezes no desinteresse das crianças.

³ São eles: 1. O eu, o outro e nós; 2. Corpo, gestos e movimentos; 3. Traços, sons, cores e formas; 4. Escuta, fala, pensamento e imaginação; 5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

4. O DESENVOLVIMENTO DO DESENHO: DA RABISCAÇÃO AO REALISMO

Nesta seção apresentaremos a caracterização das diferentes fases do desenvolvimento do desenho segundo alguns autores e realizaremos a exemplificação do desenvolvimento do desenho de uma criança em idade pré-escolar (portfólio) baseado no processo de evolução do grafismo.

Inicialmente apoiados nas orientações apresentadas no RCNEI (1998) a evolução do desenho inicia-se no estágio da garatuja, na qual a criança:

Na garatuja, a criança tem como hipótese que o desenho é simplesmente uma ação sobre uma superfície, e ela sente prazer ao constatar os efeitos visuais que essa ação produziu. A percepção de que os gestos, gradativamente, produzem marcas e representações mais organizadas permite à criança o reconhecimento dos seus registros.

No decorrer do tempo, as garatujas, que refletiam, sobretudo o prolongamento de movimentos rítmicos de ir e vir, transformam-se em formas definidas que apresentam maior ordenação, e podem estar se referindo a objetos naturais, objetos imaginários ou mesmo a outros desenhos. (BRASIL, 1998, pag. 52)

Depois da fase da garatuja, segundo o documento as crianças quando estimuladas e inseridas em situações intencionais acabam percebendo os agrupamentos, os padrões repetidos e as combinações de elementos gráficos, bem como suas significações e assim, desenvolvem-se e:

Apresentam cada vez mais a possibilidade de exprimir impressões e julgamentos sobre seus próprios trabalhos. Enquanto desenhavam ou criavam objetos também brincam de “faz-de-conta” e verbalizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas, ampliando sua forma de sentir e pensar sobre o mundo no qual estão inseridas.

Na evolução da garatuja para o desenho de formas mais estruturadas, a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens no fazer artístico. Começando com símbolos muito simples, ela passa a articulá-los no espaço bidimensional do papel, na areia, na parede, ou em qualquer outra superfície. Passa também a constatar a regularidade nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso, incorporando esse conhecimento em suas próprias produções. (BRASIL, 1998, pag. 53)

Diante das descobertas, as crianças passam a compreender o desenho como além da impressão do real e passa a encará-lo como formas de expressividade, assim,

No início, a criança trabalha sobre a hipótese de que o desenho serve para imprimir tudo o que ela sabe sobre o mundo e esse saber estará relacionado a algumas fontes, como a análise da experiência junto a objetos naturais (ação física e interiorizada); o trabalho realizado sobre seus próprios desenhos e os desenhos de outras crianças e adultos; a observação de diferentes objetos simbólicos do universo circundante; as imagens que cria.

No decorrer da simbolização, a criança incorpora progressivamente regularidades ou códigos de representação das imagens do entorno, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê. (BRASIL, 1998, pag. 53)

Essa evolução é classificada de forma diferente por Luquet, citado por Florence Méredieu (apud, 2017), para ele o desenho infantil passa pelas seguintes fases:

1. **Realismo fortuito:** constitui a etapa inicial do desenvolvimento do desenho. Fase caracterizada pela representação, analogia entre um objeto e seu traçado, dando nome ao seu desenho. Marca o fim dos rabiscos.
2. **Realismo fracassado:** a partir da descoberta da identidade forma-objeto, a criança reproduz essa forma num processo de aprendizagem que contempla fracassos e sucessos parciais.
3. **Realismo intelectual:** por volta dos quatro anos de idade, inicia-se a fase que se estenderá até os 10,12 anos. É o principal estágio que se caracterizará pelo fato de que a criança desenha o objeto, não aquilo que vê, mas aquilo que sabe. Dessa forma evidencia-se o recurso de dois processos: o plano deitado e a transparência.
4. **Realismo Visual:** ocorre por volta dos 12 anos e marca o fim do desenho infantil. Com a descoberta da perspectiva e a submissão às suas leis há um empobrecimento e diminuição progressiva do grafismo, que perde o humor e se junta às produções adultas. (LUQUET, apud MÉREDIEU, 2017, p. 42-45).

Destaca-se que Luquet foi o primeiro autor a definir as etapas do desenho infantil, mas diferente de Méredieu, ele desconsidera o papel dos aspectos culturais como fatores influentes no desenvolvimento do grafismo. Luquet considera que o realismo era uma tendência natural da representação gráfica.

Nesse sentido, Méredieu critica a terminologia de Luquet, pois entende que este “deixou à desejar” com uma análise insuficientemente explicativa, ou seja, não explica o nascimento da representação figurativa e a passagem de um estágio para outro. (MÉREDIEU, 2017, p. 45). E ainda considera que:

Quanto às noções de transparências e de plano deitado, características do “realismo intelectual”, podemos considerá-las como pervertidas num sentido racionalista. A transparência, para criança, é o meio para traduzir uma experiência não tanto especial quanto afetiva. A casa não é apenas o lugar em que o objeto se inscreve, mas também uma rede de afetos. Só o adulto é que “vê” os objetos em transparência, uns distintos dos outros, e

susceptíveis de entrar em experiências sucessivas. (MÉREDIEU, 2017, p. 47).

É importante destacar que para Méredieu (2017), o grafismo começa pelo rabisco, gesto essencialmente motor. Enquanto, Luquet desconsidera-o das etapas da evolução do grafismo. Méredieu (2017) cita ainda que o rabisco é mal visto por alguns autores, considerado exercício fútil em favor de um desenho orientado para a representação de uma realidade visual. A evolução da criança, segundo a autora, inicia-se com o desenho informal, com o borrão, ou aglomerado, e, no plano gráfico, pelo rabisco, “movimento oscilante, depois giratório, determinado na origem por um gesto em flexão que lhe dá o sentido centrípeto, oposto aos ponteiros de um relógio”. (ibid, p. 49).

Méredieu (2017) considera os estudos oriundos da grafologia, realizados por William Preyer no fim do século XIX, que foi pioneiro no estudo das manifestações gráficas dos bebês:

Expressão de um ritmo biopsíquico próprio de cada indivíduo, o rabisco aparece com a aprendizagem do andar e do sentido do equilíbrio. Seu estudo articula-se em torno de uma análise psicomotora do gesto gráfico, que depende da apreensão do eixo corporal. (MÉREDIEU, 2017, p. 49).

Méredieu (2017) cita três estágios do rabisco, elaborados por Marthe Berson, que os denomina como Estágios do rabisco: Estágio Vegetativo motor (por volta dos 18 meses); Estágio representativo (entre 2 e 3 anos); Estágio comunicativo (3 e 4 anos):

Estágio vegetativo motor (por volta dos 18 meses):

É quando aparece o tipo de traçado próprio da criança, mais ou menos arredondado, convexo ou alongado. O lápis não sai da folha e esses rabiscos partem do centro da folha:

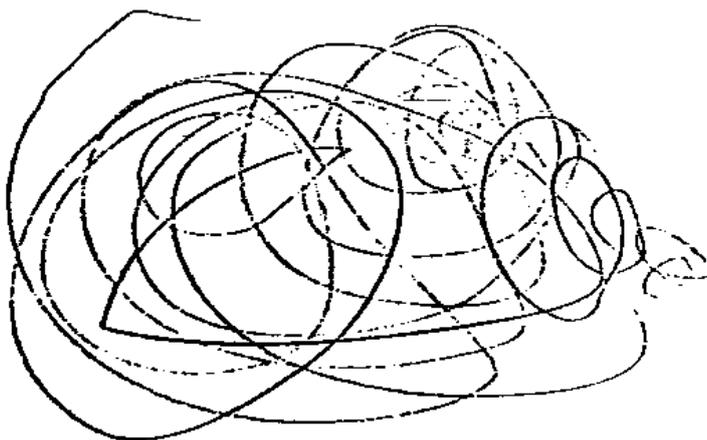


Figura 1: Traçado circular (MÉREDIEU, 2017, p. 51)

- *Estágio representativo (entre 02 e 03 anos):*

Caracteriza-se pelo surgimento de formas isoladas, que são possíveis devido ao levantamento do lápis. A criança passa do traço contínuo para o traço descontínuo. O ritmo se torna mais lento. Tentativas de produzir objetos e comentários verbais do desenho.



Figura 2: Aparecimento de formas isoladas. (MÉREDIEU, 2017, p. 52)

- *Estágio comunicativo (começa entre 3 e 4 anos):*

A criança tenta imitar a escrita, o que traduz sua vontade de escrever e de comunicar-se. Ela elabora uma escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra. (BERSON, 1966, apud MÉREDIEU, 2017, p. 5-52).



Figura 3: Aparecimento da escrita fictícia traçada em formato de dentes de serra. (MÉREDIEU, 2017, p. 53)

Logo, para MÉREDIEU (2017), a evolução do desenho dá-se na dependência do desenvolvimento da linguagem e da escrita, pois é configurado pela formação simbólica na criança. E diante das fases do rabisco, Méredieu fala sobre o aparecimento da figura do boneco dotado de um corpo e quatro membros. Segunda autora, a criança projeta seu próprio esquema corporal. O que a criança desenha, portanto, é sempre ela mesma sua própria imagem refletida e decifrada em múltiplos exemplares. (MÉREDIEU, 2017, p. 58).

Entretanto, encontramos em LOWENFELD (1976) uma orientação para interpretação dos desenhos infantis, mais completa e atual. Segundo o autor existem quatro fases distintas na evolução gráfica da criança.

O primeiro estágio se refere a rabiscção Desordenada ou Garatuja, dentro desse mesmo estágio há a Rabiscção Longitudinal e a Rabiscção. Já o segundo estágio trata-se sobre a figuração pré-esquemática seguido pela Figuração Esquemática e por fim o quarto estágio que é a Figuração realística. (BOMBONATO e FARAGO, 2016, pág. 187)

A primeira fase, denominada *Rabiscção*, é marcada pelo desenho sem intenção de comunicação, iniciado por volta de dois anos, no qual mesmo sem “ter uma coordenação muscular madura, a criança é capaz de riscar geralmente linhas simples e curtas, em curvas fechadas horizontais, depois em espirais e finalmente círculos múltiplos”. (SANS, 2009, p. 43) Ou seja, é a fase de descoberta do desenho pelo rabisco.

Já na segunda fase, denominada *pré-figuração-esquemática* percebemos a relação entre desenhos, pensamentos e a tentativa de comunicar e de registrar uma informação. Nesta fase “as garatujas não perdem seus sentidos, apenas torna as mesmas reconhecíveis e com significados” (BOMBONATO e FARAGO, 2016, p. 187)

Na terceira fase, denominada *Figuração – esquemática*, a criança começa a perceber a relação entre o desenho e a representação do contexto, assim, há a tentativa de esquematizar tornando o desenho mais próximo do real. Nesta fase “o esquema reflete a estrutura física e mental da criança que o cria (...) sua visão gráfica, geralmente nessa fase, ainda é desprovida de perspectiva” (SANS, 2009, p. 53)

Por fim, encontramos a fase denominada *Figuração Realista*, na qual a criança desenvolve-se plenamente, representando conforme as proporções e utilizando a perspectiva. Aqui “Nesse estágio, a criança consegue distinguir o tamanho dos objetos, compreendendo o que está na frente é maior e esconde o que está atrás” (BOMBONATO e FARAGO, 2016, p. 189).

Considerando os estágios de Lowenfeld realizaremos na próxima seção a análise do portfólio de um aluno da Educação Infantil, analisando seu desenvolvimento gráfico, pautado no esquema corporal.

5. A EVOLUÇÃO DO DESENHO: ANÁLISE DE UM PORTFÓLIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção realizaremos a análise de um portfólio que faz parte de nosso arquivo pessoal. O portfólio foi realizado no ano de 2004 como parte das atividades previstas no currículo da pré-escola com alunos de 5 anos, durante o período anual, ou seja, foi iniciado em fevereiro e finalizado em dezembro, excluindo os meses de férias.

Pelo portfólio podemos observar a evolução no esquema corporal. Já no início do ano era comum a presença de elementos característicos da fase de rabiscação, tal como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 4- arquivo pessoal

Pela Figura 4, realizada no mês de fevereiro, destaca-se a presença de imagens circulares representando a cabeça. Há na imagem a incidência de rabiscos que estariam ligados à cabeça, tentando representar os membros. Observa-se que não há separação entre a cabeça e os membros, mas há o detalhamento da face, principalmente em relação aos olhos, que é uma das preocupações presentes na fase pré- esquemática.

Decorridos quatro meses de aulas, no mês de junho, nota-se que o desenho corporal apresenta evoluções em alguns aspectos, porém, em outros existem traços que podem indicar uma regressão, conforme figura abaixo.



Figura 5- arquivo pessoal

Na figura 5 identificamos que a criança apresenta maior detalhamento na face humana, indicado os olhos, o nariz, a boca, as orelhas e o cabelo. Assim sendo, representa uma sensível evolução, quando comparamos com o desenho anterior. Contudo novamente aparecem traços que representariam os membros inferiores e o apoio do chão, ambos elementos que estão presentes na fase 3, denominada “Figuração esquemática”. Entretanto, podemos perceber elementos característicos da fase 2, como o círculo indicando membros do esquema corporal. Esse fato demonstra que é comum o aluno apresentar avanços e retrocessos no seu desenvolvimento gráfico.

Já no mês de dezembro, verificamos um desenho mais amplo que ocupa uma parte maior da folha e a compleição dos membros superiores e inferiores, bem como o detalhamento da face e a presença do suporte horizontal (chão). De acordo com nossa análise a criança ainda está na fase 3 (Figuração esquemática) porém de forma mais evoluída:



Figura 6- arquivo pessoal

Observa-se ainda, uma representação esquemática mais segura e mais detalhada, conforme apontamos anteriormente o que demonstra aprendizagem gráfica e evolução representativa. Porém, ainda falta o amadurecimento de alguns elementos para a conquista da fase 4, que deve ser desenvolvida, conforme afirmação de IAVELBERG (2013) a partir dos 7 anos, ou seja no ensino fundamental.

Em suma, podemos evidenciar que o trabalho da Educação Infantil em relação ao desenvolvimento gráfico deve ser estruturado intencionalmente para permitir a experimentação e a exploração dos instrumentos, bem como a apropriação da criança aos detalhes presentes na realidade e das suas possibilidades da representação, desenvolvendo a autonomia gráfica, a significação e o simbolismo artístico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o desenho na Educação Infantil, deve ser observado e realizado de forma mais aprofundada, como um processo mediador à aprendizagem significativa e a criatividade, cujas linguagens corporais expressas na forma de rabisco, tem expressões claras do desenvolvimento cognitivo e social.

Com os estudos realizados, podemos refletir e analisar as diferentes perspectivas e descrições de fases distintas da evolução do grafismo infantil para aprimoramento de nossas práticas e estruturas didáticas. O desenho é a primeira escrita da criança e revela o conhecimento que ela tem de si e do mundo, portanto não pode ser meramente reduzido a traços, linhas e formas isoladas ou reproduzidas.

O educador tem o papel fundamental de estimular e proporcionar ao aluno condições para que ele possa desenvolver-se plenamente e de forma lúdica. Entretanto muitos professores desconhecem a importância do desenho em suas atividades pedagógicas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. **"A Arte da Pré-História nos Períodos Paleolítico e Neolítico"**; Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-arte-prehistoria-nos-periodos-paleolitico-neolitico.htm>. Acesso em 06 de maio de 2018.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na Educação Infantil**. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64.

AURÉLIO B. de Hollanda Ferreira. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 1838.

BARBOSA, Ana, Mãe. **Redesenhando o desenho, educadores, política e história**. Livro eletrônico. – São Paulo: Cortez, 2015 – disponível em

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EZiZCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=o+desenho+p%C3%B3s+renascimento&ots=RLKxoKrQxD&sig=mtu_8JZV9b0rYQbP5IUHu4w56Y#v=onepage&q&f=false. Acesso em 08/08/18.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.08.2014/CON1988.pdf. Acesso em 10/09/18.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação. Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em 30/09/18.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm. Acesso em 30/09/18

_____. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Jogos na Alfabetização Matemática**. Ministério da Educação – Brasília: MEC, SEB, 2014.

BOMBANATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Correa. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Unifafibe, Bebedouro/SP.

CARNEIRO, Carla. **A Percepção dos professores sobre a importância da atividade lúdica na Educação Especial**. Lisboa, setembro de 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2596/1/CarlaCarneiro.pdf>. Acesso em 06/09/18.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: O Desenvolvimento do Grafismo Infantil**, São Paulo: Editora Zouk, 2015.

FARIA, Caroline. **História do desenho**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/historia-do-desenho/>. Acesso em 17/06/18.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**, Porto Alegre: Editora Zouk, 2013.

MERIDIEU, Florence. **O desenho infantil**, São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**, São Paulo Editora Loyola, 2005.

OLEQUES, Liane Carvalho. **Arte Rupestre** Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/arte-rupestre/> Acesso em 06/05/18.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Pedagogia do desenho infantil**, Campinas: Editora Alínea, 2009.

Recebido em 15/12/2018

Aprovado em 11/3/2019